

REFLEXÕES ACERCA DA INTELIGÊNCIA HUMANA EM CONTRASTE COM AS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS DA CONTEMPORANEIDADE

REFLECTIONS ABOUT THE HUMANITY INTELLIGENCE IN CONTRAST WITH CONTEMPORARY TECHNOLOGICAL INNOVATIONS

REFLEXIONES SOBRE LA INTELIGENCIA HUMANA EN CONTRASTE CON LAS INNOVACIONES TECNOLÓGICAS CONTEMPORÁNEAS

Abelardo Alves Pereira¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo investigar a hipótese de que a humanidade pode estar enfrentando um declínio em sua inteligência, fenômeno possivelmente relacionado ao uso inadequado da internet e das novas tecnologias. Essa discussão insere-se em um contexto mais amplo, que envolve o papel das tecnologias na sociedade contemporânea e a urgente necessidade de investimentos em educação como meio de preservar e fomentar o desenvolvimento cognitivo humano. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, foram reunidos dados, análises de especialistas e informações relevantes que sustentam, ainda que de forma preliminar, a plausibilidade da tese proposta. Embora o estudo não se baseie em uma investigação empírica abrangente, ele oferece um embasamento teórico consistente que contribui para o debate e estimula reflexões críticas sobre os impactos das tecnologias digitais na inteligência humana.

Palavras-chave: diminuição; inteligência; sociedade; tecnologia; leitura

Abstract

This article aims to investigate the thesis that humanity may be experiencing a decline in intelligence, a phenomenon potentially linked to the misuse of the internet and emerging technologies. Underlying this discussion is a broader debate about the role of these technologies in society and the urgent need for investment in education to ensure the continued development of human intelligence. Through bibliographic research, the article presents data, expert opinions, and relevant information that support the plausibility of this thesis. Although there is still a lack of a specific, comprehensive, and conclusive study to fully validate the hypothesis, the research lays a scientific foundation that invites further reflection—particularly on the credibility and implications of the proposed thesis.

Keywords: decrease; intelligence; society; technology; reading

Resumen

Este artículo pretende investigar la tesis de que la humanidad está viviendo un posible escenario de declive de su inteligencia, algo que estaría relacionado principalmente con el mal uso de internet y las nuevas tecnologías. También hay un importante debate de fondo sobre el papel de las propias mujeres y en el entorno social, y sobre la necesidad de invertir en educación para garantizar la progresión de la inteligencia humana. Así, a través de la investigación bibliográfica, se buscó presentar datos, notas de expertos e informaciones pertinentes que convergieran en la veracidad de la tesis en cuestión. Se construyó así toda una base científica, que si bien carece de un estudio específico, amplio y contundente que sustente su validación, abre espacio para diversas reflexiones, especialmente respecto de la plausibilidad de la tesis precursora.

Palabras-clave: disminución; inteligência; sociedade; tecnologia; lectura.

¹ Graduado em Direito pela Universidade Regional do Cariri – URCA.

1 Introdução

Todas as inovações tecnológicas criadas e aperfeiçoadas nas últimas décadas permitiram ao homem do século XXI usufruir de um mundo marcado por inúmeros avanços, especialmente relacionados ao meio virtual e tecnologias digitais. Na atualidade, é comum que todas as pessoas consigam ter acesso à rede mundial de computadores, visto que cada vez mais dispositivos possuem configuração para tal. Dessa forma, foi inaugurado na sociedade a era da informação na história, período marcado pelo uso frequente e consumo constante de conteúdos disponíveis na *internet*.

Essa nova realidade social permite a humanidade desbravar o mundo sem sair do lugar, tendo alcance a uma infinidade de conteúdos disponíveis na rede através de poucos cliques, toques ou comandos. A princípio é viável se imaginar que tal cenário fosse favorecer um maior desenvolvimento intelectual do ser humano, uma vez que, a obtenção de conhecimentos e saberes são capazes de permitir o aperfeiçoamento do intelecto. Contudo, a realidade demonstrou estar havendo um efeito contrário, de forma que o ser humano está tornando-se mais ignorante e menos inteligente.

Assim, torna-se relevante entender esse fenômeno, visto que ele pode causar um declínio do desenvolvimento das sociedades, comprometendo assim toda a humanidade. Dessa forma, por meio de uma pesquisa bibliográfica, juntamente com uma revisão de literatura, buscou-se estudar o estado da inteligência humana na atualidade. Relacionando o uso das novas tecnologias na mente humana, a influência desta e sua repercussão no meio social. Procurando, ainda, caminhos para garantir o contínuo aperfeiçoamento do ser humano e um uso consciente e crítico das novas tecnologias.

2 O ser humano frente a era da tecnologia e suas implicações

Segundo Barros, Souza e Teixeira (2021) o desenvolvimento do ser humano vem ocorrendo a milhares de anos, desaguando atualmente no período chamado de Era da Informação. Sendo tudo isso possível em razão da comunicação, uma vez que ela é um pilar para a própria evolução humana, por permitir o convívio dos indivíduos em sociedade. Permitindo ainda a evolução da tecnologia, melhoria da vida por meio das ferramentas utilizadas e desenvolvidas para auxiliar nos diversos setores, estruturação da sociedade e outros importantes marcos.

Somando a essa questão, Vieira e Dain (2023) explicam que hoje a Internet tornou-se um dos meios de comunicação mais grandiosos, porque pode estar presente em todos os lugares. Tendo ela sido responsável por mudar e estar mudando a forma como fazemos nosso trabalho, como compramos nossa comida e roupas, como conversamos com as pessoas e como nos divertimos, interagimos, jogamos e nos comunicamos.

Por sua vez, Almeida e Bruno (2023) informam que a implementação da Internet em nosso cotidiano começou a ganhar força na década de 1990, com a popularização da World Wide Web. Tal evento permitiu que as pessoas tivessem acesso a uma gama de serviços e aplicativos, transformando assim significativamente diversos setores do meio social. Havendo, assim, em decorrência de sua implementação a ocorrência de benefícios, desafios e impactos negativos para toda a sociedade.

Uma ótica dual em relação a tecnologia também é apresentada por Pompei, Gouveia e Ramos (2022) ao explicarem que na internet, por meio da linguagem virtual, ocorre a comunicação humana, troca de informações e expressão de pensamentos, fenômenos vitais para o progresso desenvolvimento da humanidade. Contudo, em uma sociedade cada vez mais conectada às redes sociais, passaram a ser instrumentos que influenciam e formam opiniões, (re)formulam identidades e adentram na vida do outro. De forma que, ao mesmo tempo que ocorre o rompimento de fronteiras e valores tradicionais, permitem a liberdade de criatividade e expressão ilimitadamente, havendo assim efeitos paradoxais em relação às redes sociais.

Sobre esse tema, Borges e Maia (2022) explicam que se tornou notável a proliferação de dispositivos tecnológicos em nosso meio, especialmente do uso dos smartphones utilizados para acesso das redes sociais. Concluindo, em seu artigo, com base em uma vasta revisão de integrativa de literatura, que existe uma associação estatisticamente significativa entre o uso do smartphone e das redes sociais com a ansiedade. Havendo a presença de indícios para a associação com outras variáveis, como depressão e estresse.

Ampliando essa questão, Flores e Melo (2024) explicam como o uso excessivo de mídias digitais oferece risco para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional de crianças e adolescentes, em razão desse público ser mais sensível por estar em desenvolvimento. Sendo a posse e o uso demasiado de mídias digitais por esse público, um fenômeno em ascensão, motivado pelo desejo de utilizar tais tecnologias para comunicação e entretenimento. Destacando que, apesar de seu uso ter fins nobres, esse hábito pode trazer consigo riscos potenciais, como a exposição a conteúdos inadequados e a possível erosão de habilidades sociais.

Acerca disso, Maryanne Wolf, em sua obra “O cérebro no mundo digital: Os desafios da leitura na nossa era”, apresenta informações que convergem com essas questões. Segundo a

pesquisadora, a qualidade da atenção mudou, em virtude da realização de leitura em telas e recursos digitais, especialmente em crianças porque elas são continuamente distraídas e bombardeadas com estímulos. Acarretando prejuízos à memória, à atenção e à empatia, uma vez que as mídias têm impacto nos aspectos linguísticos, fisiológicos e emocionais. Além disso, quanto mais usados os aparelhos, mais dependentes tornam-se as pessoas em relação a acessos digitais como fontes de entretenimento, informação e distração. Especialmente em crianças que quando sofrem estimulação digital constante tendem a apresentar aborrecimento e tédio ao terem o aparelho eletrônico subtraído, aliás elas correspondem a uma grande parcela dos usuários de telefones. Ademais, Wolf (2019), ao mencionar Daniel Levitin, explica que o neurocientista afirmou que crianças em razão do fluxo contínuo de itens em competição por sua atenção, acabam com seus cérebros encharcados pelos hormônios cortisol e adrenalina.

Ao abordar outra perspectiva sobre danos decorrentes do uso frequentemente das redes sociais, Ferreira e Santos (2025) explicam que o uso da internet acarreta a exclusão digital. Visto que, ao se limitarem a utilizar a internet para acessar redes sociais, muitas pessoas acabam não explorando o vasto potencial informativo que a rede oferece. Deixando de aproveitar os recursos tecnológicos para adquirir os conhecimentos e habilidades necessárias para lidar com as demandas de um mundo cada vez mais digital, acarretando prejuízos, como dificuldade de combate à desigualdade de oportunidades, impactos negativos na formação pessoal e profissional e na formação cidadã.

A comprovação de um uso demasiado da internet pode ser sustentada com base nos dados da 6ª edição Retratos da Leitura no Brasil (Instituto Pró Livro 2024). Nesse documento é exposto que o uso da internet, aplicativos para troca de mensagens e redes sociais, são utilizados para o lazer de muitas pessoas no mundo virtual. Demonstrando assim um uso errôneo da internet, visto que as pessoas se limitam a consumir conteúdos e realizar atividades que não proporcionam enriquecimento de fato.

Acerca dos benefícios disponíveis no meio virtual, Costa e Bruno (2023) frisam a presença imperceptível, extensa e intensa da Inteligência Artificial (IA) em nosso cotidiano, uma vez que o uso dessa tecnologia avassaladora se tornou rotineiro. Fato que se deve às suas inúmeras aplicações, visto que essa tecnologia envolve a capacidade de aprendizagem pela máquina sem que ela seja explicitamente programada. Sendo afirmado que devido à sua natureza disruptiva a IA vai ser a tecnologia de propósito geral do século XXI. Repercutindo positivamente em toda sociedade em sentido amplo (cidadãos, instituições e governos), especialmente por sua aplicação na educação, na otimização e eficiência do processamento de informações, favorecimento em negócios e em pesquisas.

Em contrapartida, Rêgo (2024), ao tratar dos malefícios da mesma tecnologia, expõe a necessidade da ética nos usos da “Inteligência” Artificial (IA), conjunto de tecnologias computacionais passaram a ter maior visibilidade nas sociedades digitalmente incluídas. Especialmente porque as redes sociais se aliaram às plataformas de serviço e entretenimento, repercutindo na instauração de algoritmos para rastrear a vida dos usuários, visando interligar serviços específicos para cada um, com base em sua experiência no meio digital. Concluindo que apesar das facilidades oferecidas pelas “Inteligências” Artificiais, esse e outros problemas relacionados à própria, devem ser enfrentados para o bem do nosso futuro, que pode vir a ser ameaçado pela desinformação. Como no caso da sustentabilidade ambiental, que vem sendo ameaçada em razão da enxurrada de desinformação, que desvaloriza as narrativas de cientistas e ambientalistas.

Ademais, Costa e Romanini (2019) expõem que a difusão de desinformação por meio das redes sociais tornou-se um grave problema social, despertando atenção global por sua capacidade de influenciar, se não determinar, o rumo da sociedade. Sendo esse um problema agravado pelos avanços da computação ubíqua e da internet, que impulsionaram um aumento exponencial e expressivo na quantidade de dados produzidos, armazenados e compartilhados. Dessa forma, explicam que a ausência de regulamentação favorece que as fakes news sejam mais lucrativas, operando assim um movimento contínuo de desinformação no meio virtual, algo que deve ser agravado pelo surgimento das deep fake news.

Ótica semelhante a Ripoll e Matos (2020) que concordam que as redes sociais passaram a exercer grande influência na produção, disseminação e consumo de informações pela sociedade. Nesse contexto, a desinformação foi reinventada a partir da criação da internet e das mídias sociais, que favoreceram o aumento da desinformação, aumentando dessa forma sua complexidade. Diante disso, o fenômeno da hiperinformação, que sobrecarrega os indivíduos ocasionando a perda do controle sobre aquilo que assimilam, foi intensificado na sociedade informacional. Algo favorecido, segundo os autores, pelo surgimento das deepfakes que tornaram a desinformação mais complexa e refinada, em razão dos conteúdos de manipulação de vídeos elaborados com essa tecnologia de sobreposição de imagem.

Outrossim, Manno e Rosa (2018) ao tratarem da dependência da internet explicam que esse fato tem prováveis motivações e consequências de uma utilização exagerada do meio virtual. Em seu artigo explanam que nossas vidas são cada vez mais influenciadas pela internet, instrumento que em razão das suas praticidades fazem as pessoas abandonarem a realidade para se dedicar a viver uma vida unicamente virtual. Uma vez que o efeito gratificante que as redes sociais proporcionam, causam as sensações de sentir-se amado e admirado, fruto da quantidade de curtidas e seguidores que se pode obter rapidamente. Sendo descrito que esse contexto

favorece a nomofobia, transtorno recentemente identificado que envolve a angústia de não se ter seu celular, ou outro dispositivo que permita conexão virtual.

3 Sinais e causas de um declínio da inteligência humana

A fundamentação para considerar que a inteligência humana pode estar em declínio, é encontrada em uma matéria do portal de notícias BBC, de título “Geração digital: por que, pela 1ª vez, filhos têm QI inferior ao dos pais”. A matéria se trata de uma entrevista realizada com Michel Desmurget, neurocientista francês e diretor de pesquisa do Instituto Nacional de Saúde da França. O próprio, é autor da obra “A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças”, em que é apresentado dados concretos e de forma conclusiva de como os dispositivos digitais estão afetando negativamente o desenvolvimento neural de crianças em jovens.

Na entrevista, Desmurget traz afirmações preocupantes, como o fato de jovens estarem com o Quociente de Inteligência (QI) menor que os seus pais e que os fatores por trás de tal fenômeno ainda não são exatos, mas que o tempo de tela tem um efeito significativo, pois seus efeitos repercutirem no desenvolvimento de crianças e jovens por diminuir a quantidade e qualidade das interações intrafamiliares e ocuparem muito tempo na rotina da criança, comprometendo outras atividades. Destacando que a “revolução digital” não é algo ruim que deve ser necessariamente interrompida, já que a tecnologia é importante em nosso cotidiano, mas ter um controle em relação ao tempo e aos conteúdos acessados pelas crianças e jovens, que muitas vezes utilizam as telas apenas para fins recreativos.

Um reforço para a tese de estarmos vivenciando um período de declínio da inteligência humana, também é encontrado em uma matéria do portal de notícias G1, que explica o significado da expressão “brain rot”. Segundo a matéria feita esse termo, eleito expressão do ano de 2024, pelo Dicionário Oxford, refere-se à deterioração mental causada pelo excesso de conteúdos superficiais e pouco desafiadores, como os de redes sociais. Em tradução do inglês para português, significa algo como “cérebro podre” ou “podridão cerebral”. Tendo destaque pela grande quantidade de consultas ao dicionário, o que gera uma preocupação maior preocupação em relação aos efeitos nocivos das tecnologias.

Reforçando esse fenômeno, Wolf (2019) apresenta que todos os indicadores nacionais e internacionais referentes à leitura das crianças norte-americanas apontaram que sua leitura tem desempenho inferior ao de crianças de outros países ocidentais e asiáticas. Sendo ainda mais perturbador o fato de cerca da metade das crianças afro-americanas e latinas no quarto ano não terem alcançado o grau “básico” de leitura, muito menos a proficiência. Significando que

elas não decodificam o suficiente para entender o que estão lendo, impactando assim o aprendizado de todos os conteúdos acadêmicos, sendo a leitura proficiente uma habilidade ausente em 2 terços ou mais dos futuros cidadãos. Algo que pode ter relação com o fato de na internet e no Twitter (X) elas estarem acostumados com 140 caracteres para expressar-se, logo um texto de 300 ou mais palavras será difícil de ser lido.

Esse fenômeno também pode ser percebido na realidade brasileira, segundo Matos, Matos e Alves (2021) ao tratarem do problema do analfabetismo funcional no Brasil. Segundo os autores, são analfabetos funcionais aqueles indivíduos que estão nos níveis “analfabeto” ou “rudimentar”, por não conseguirem realizar tarefas simples, ou por apenas realizarem tarefas simples, respectivamente. Apontando, com base na revisão e literatura, que a realidade social tem revelado falhas no processo educacional, que implicam nos resultados negativos apresentados nos índices, déficit no aprendizado dos alunos e posturas reacionárias.

Os resultados desse problema são detalhados por Meira e Ribeiro (2023) ao exporem o analfabetismo científico no Brasil, mazela que envolve a crença veemente por parcela da população em informações falsas, ausentes de qualquer embasamento científico concreto. Algo perceptível, diante da grande circulação de desinformação nas mídias digitais e redes sociais, compartilhados pela população de maneira viral, sem qualquer verificação de sua plausibilidade ou veracidade. Sendo constatado na pesquisa que três fatores são responsáveis por essa situação: um processo de ensino aprendizagem ineficaz, o modelo deficitário da divulgação científica; e a produção intencional da ignorância no âmbito político.

Diante da baixa instrução das pessoas, responsáveis pelos dois tipos de analfabetismo expostos, Ferreira e Santos (2025) apresentam que nas escolas a exclusão digital ainda é um fator que prejudica o uso adequado das novas tecnologias. Isso ocorre por causa de carências de uma infraestrutura tecnológica, acesso à internet de qualidade e formação adequada de professores, alunos e equipe pedagógica como um todo. Assim, o aprendizado é limitado, principalmente quando a escola utiliza metodologias que envolvem o aprendizado por memorização de conhecimentos e respostas automatizadas, repercutindo em educandos que saem da escola sem o devido preparo para a vida e para enfrentar os desafios da sociedade atual.

Aliás, um dos desafios da sociedade atual envolve a falta de leitura no cotidiano das pessoas, afirmação apoiada a partir dos dados apresentados na 6ª edição Retratos da Leitura no Brasil (Instituto Pró Livro 2024). Nesse documento, elaborado a partir das entrevistas domiciliares, foram reunidos dados alarmantes, que de forma geral indicam a redução no número de leitores no Brasil e da prática da leitura na sociedade.

Esse cenário mostra-se preocupante, visto que Lima (2024) aponta que através da leitura o indivíduo tem o privilégio de conhecer os pensamentos de relevantes autores que contribuíram para a leitura do mundo. Assim, a leitura contribui para o desenvolvimento do cidadão e com isso promove a transformação social do meio em que se vive, uma vez que a pessoa letrada tem capacidade de fazer escolhas racionais embasadas em intelectuais. Dessa forma, a leitura crítica atua como um instrumento colaborador, possibilitando a emancipação do indivíduo dos dogmas sociais e leva ao progresso.

A prática de leitura não é muito explorada no Brasil, porque os brasileiros não possuem tempo, ou por se dedicarem a outros passatempos, como a navegação na internet. Fato comprovado pelos dados da 6ª edição Retratos da Leitura no Brasil (Instituto Pró Livro 2024), que aponta a falta de tempo tanto por leitores quanto não leitores como um dos motivos para não leitura de livros, ocupando assim a primeira colocação.

Uma das razões por trás da falta de tempo livre pode ser deduzida a partir das pesquisas de Café e Drummond (2025), ao tratarem da comoção nas redes sociais pelo fim da escala 6x1. Os autores explicam que o movimento foi gerado pela luta da classe trabalhadora por condições laborais equilibradas e justas, especialmente entre aqueles que enfrentam jornadas exaustivas e condições de trabalho precárias. Assim, a redução da jornada de trabalho visa trazer benefícios à saúde e qualidade de vida dos trabalhadores. Visto que pessoas na escala 6x1 podem chegar a ter 27 dias de trabalho com apenas 4 folgas, em um mês de 31 dias.

A comprovação e especificação dos prejuízos causados, em decorrência dessa escala 6x1, são esclarecidos por Bastos (2025) ao explicar que o descanso dos trabalhadores é prejudicado nessa jornada, visto que eles não conseguem desfrutar de um descanso digno por possuírem apenas um dia na semana para tal, causando implicações na garantia dos direitos constitucionais à saúde e ao lazer, favorecendo doenças ocupacionais como o estresse, fadiga, problemas musculoesqueléticos e síndrome de burnout.

A falta de tempo também compromete outros direitos. Segundo Montenegro De Mélo e Pinto (2019) a literatura é uma poderosa ferramenta para educação, por permitir as pessoas refletirem e se posicionarem perante eventos sociais. Assim, esse acesso é um direito garantido quando se tem acesso a obras de qualidade, ricas em diversidade de gêneros, juntamente com o tempo necessário para fruição e ao prazer de ler.

Wolf (2019) converge com esse posicionamento, ao explicar que a leitura profunda ativa milhares e milhares de forças-tarefa neurais, que permitem assumir a perspectiva e os sentimentos do outro, conectando nossa empatia com o que acabamos de ler, permitindo retornar a realidade, estejamos muitas vezes acrescidos e fortalecidos, mudados

intelectualmente e emocionalmente, uma vez que durante a leitura nosso cérebro simula ativamente e conscientemente outra pessoa, assumindo suas emoções e conflitos.

Reforçando a importância dos livros e da leitura, Sereza (2020), ao discorrer acerca dos efeitos de um possível cenário de taxaço de livros, explica que os livros não podem ser tratados como simples mercadorias, argumentando que a tributação de livros iria contra a democratização da cultura, da educação e leitura, uma vez que, um sujeito que lê estuda e aprende, impacta em toda a sociedade. Assim, a taxaço de livros se torna uma afronta ao direito à igualdade, por construir desigualdades, devendo na verdade haver incentivos à valorização simbólica dos livros para ampliar acesso a ele.

Saindo da suposição e adentrando na realidade, Rocha, Carvalho e Menezes (2025) expõem que as Universidades públicas brasileiras estão sofrendo um desmonte em suas políticas educacionais, pesquisas e práticas extensionistas. Em razão de sucessivas medidas de austeridade final, como a realização de cortes, contingenciamentos orçamentários e, recentemente, tentativas de incutimento de mudanças desfavoráveis. Algo que, apesar de ser justificado em atendimento ao teto de gastos públicos, é extremamente contraditório face a inúmeras condutas adotadas pelo governo que instigam questionamentos quanto à precariedade de recursos.

Detalhando essa questão, Salvador (2024) explica que apesar do orçamento público estar vinculado pela Constituição Federal de 1988, para a concretização dos direitos sociais, os recursos vinculados e gastos mínimos obrigatórios foram fragilizados nas últimas décadas. Dessa forma, a efetivação dos direitos sociais abstratos presentes na própria foram impactados pelas medidas de ajustes fiscal, especialmente na área da educação, apesar da obtenção de conquistas importantes como a implantação do Fundef e do Fundeb. Argumentando que se deve alterar os rumos da condução econômica, que operam contra a reconstrução necessária do Estado social, pautando uma agenda de desenvolvimento socioeconômico para assegurar a educação pública e sua gratuidade para todos, devendo enfrentar a reprovação do Estado em sua atribuição de gestão do fundo público e garantidor dos direitos sociais

Os reflexos do descaso com a educação são evidenciados por Schuhmacher, Alves Filho e Schuhmacher (2017), ao constatarem que o uso adequado das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) para fins educacionais representa uma nova barreira a ser superada pelos docentes. Em seus estudos de caso, os autores identificaram diversos obstáculos que comprometem a efetividade dessas tecnologias na prática pedagógica. Entre eles, destacam-se a ausência de infraestrutura física adequada, a falta de softwares compatíveis com as necessidades do ensino e a inexistência, ou fragilidade, de equipes técnicas de apoio. Além disso, observou-se a carência de iniciativas, por parte dos cursos e instituições, que promovam ou incentivem o uso das TIC como ferramentas de mediação no processo de ensino-aprendizagem.

Por outro lado, Sampaio, Sabbatini e Limongi (2024) aduzem acerca da existência de possíveis efeitos negativos das tecnologias para pesquisas e pesquisadores, existindo assim cautela em seu uso. Os autores em sua obra ao explicar acerca da necessidade de uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa, alertam que: “Além dessas questões éticas, há desafios no processo de aprendizado. A dependência excessiva da tecnologia pode inibir o desenvolvimento de habilidades críticas e a resolução criativa de problemas complexos por parte dos pesquisadores [...]” (Sampaio; Sabbatini; Limongi, 2024, p. 35). Sendo ressaltado que não se deve aceitar passivamente os conteúdos gerados por essa tecnologia, mas sim atentar-se aos detalhes do conteúdo gerado para que o aprendizado não seja inibido.

Wolf (2019) também demonstra preocupações nesse sentido, ao relatar que para que o conhecimento evolua é necessário acréscimos constantes em nosso conhecimento de fundo, contudo, hoje a maior parte da informação provém de fontes que podem não ter credibilidade. Sendo vital que as novas informações que temos acesso sejam analisadas de forma demorada criticamente, visto que a ausência de controles e checagens podem ocasionar o processamento de informações sem questionar a qualidade, validade e presença de preconceitos nas próprias. Sendo a formação cuidadosa do raciocínio crítico a melhor maneira de proteger as próximas gerações de informações manipuladas e superficiais, seja em textos ou telas.

4 Caminhos para um bom uso das tecnologias

Wolf (2019), ao tratar das tecnologias, explica que ela não é contra a revolução digital, mas considera que deve preparar as crianças para usarem as mídias de forma adequada. Ressaltando que antes dos 2 anos a interação humana e a interação física com os livros e outros materiais impressos são o melhor acesso ao mundo da língua falada, escrita e conhecimento internalizado, que favorecem o circuito da leitura. Assim, pais devem ler para seus filhos diariamente, por permitir a familiarização com esquemas cognitivos que reaparecem na escola e a aquisição de conhecimentos fundamentais para suas vidas. Além disso, a exposição a recursos tecnológicos deve ser feita de forma mais gradual e de maneira ponderada. Devendo as crianças serem ensinadas que as tecnologias não têm que ocupar cada instante ocioso do seu tempo.

Manno e Rosa (2018) convergem com essa questão, ao explicarem que as novas tecnologias não apresentam em si uma atividade danosa, uma vez que elas permitem usufruir de informações infinitas, aprendizados, explorar a criatividade e proporcionar a comunicação. Contudo, seu uso compulsivo compromete o uso do seu tempo, causando consequências nocivas, logo a expressão “tempo de tela” foi criada para mensurar a quantidade de horas que

passamos em frente aos dispositivos eletrônicos de acesso à rede virtual. Havendo casos em que pessoas passam mais tempo utilizando as novas tecnologias ao invés de fazer qualquer outra atividade como dormir, comer e socializar.

Montenegro de Mélo e Pinto (2019) destacam a importância do acesso à literatura e defendem a implementação de políticas públicas voltadas à universalização do acesso aos livros, aliadas a ações de formação de leitores e fortalecimento das bibliotecas escolares. Ressaltam que, embora projetos relevantes sejam desenvolvidos nesses espaços, as bibliotecas ainda estão longe de alcançar o papel que lhes é devido. Mais do que ambientes de apoio didático, elas devem ser reconhecidas como espaços fundamentais para a formação integral dos indivíduos, promovendo o desenvolvimento da inteligência, o aprendizado e comportamentos positivos entre os estudantes. Os autores enfatizam, ainda, que a mediação da leitura realizada pelos professores contribui significativamente para a efetivação do direito humano à literatura, compreendida como uma ferramenta essencial na superação das desigualdades sociais.

De forma semelhante, Maidel e Vieira (2015), ao abordarem a mediação parental no uso da internet por crianças, defendem que os pais devem assumir a responsabilidade pelo gerenciamento e pela educação dos filhos no ambiente virtual. Mais do que supervisionar e monitorar o uso das tecnologias, os pais, enquanto agentes preditores de diversos aspectos do comportamento infantil e juvenil, devem estabelecer normas, restrições, orientações e estratégias sociais. Essas ações não apenas potencializam os efeitos positivos e desejáveis do uso das tecnologias, como também contribuem para o desenvolvimento de habilidades úteis à vida adulta. Ao mesmo tempo, ajudam a prevenir os impactos negativos associados à exposição a conteúdos inadequados e à indução de comportamentos agressivos. Os autores ainda destacam que tanto o uso das tecnologias quanto as estratégias adotadas pelos pais têm implicações diretas no comportamento e no desenvolvimento das crianças.

Igualmente Santos et al. (2024) consideram que as barreiras que impedem um bom uso das tecnologias na era digital são desafios que devem ser superados. Uma vez que, a introdução das tecnologias abre um leque de oportunidades significativas no processo de ensino e aprendizagem, pois as atividades digitais promoverem a integração social, a criatividade e o pensamento crítico. Para isso, é fundamental utilizar ferramentas e recursos que estimulem a curiosidade e a exploração ativa, em vez de oferecer conteúdo passivo ou jogos com baixa relevância educativa. Um dos principais desafios nesse contexto é encontrar um equilíbrio entre o tempo de exposição às telas e a realização de atividades físicas, além da seleção de conteúdos adequados para cada faixa etária. Soma-se a isso a necessidade de capacitação dos professores para que possam utilizar as tecnologias de forma eficaz e pedagógica, potencializando seus benefícios no processo de ensino-aprendizagem.

Schuhmacher, Alves Filho e Schuhmacher (2017) compartilham a visão de que as tecnologias podem trazer benefícios significativos para a educação. No entanto, constataram que a inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na prática docente ainda é tímida ou, em muitos casos, inexistente. Essa realidade é atribuída, em grande parte, às deficiências na formação inicial dos licenciandos, que não desenvolvem as competências e habilidades necessárias para o uso pedagógico das TIC, além do descompasso entre as políticas públicas educacionais e as demandas concretas das escolas. Como consequência, há prejuízos no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que as TIC têm potencial para enriquecer significativamente esse processo. Os autores defendem que essa situação só poderá ser revertida por meio de ações governamentais que ultrapassem o discurso político e se concretizem em medidas efetivas e imediatas voltadas à consolidação do ensino.

Ótica similar a Pinto, Ximenes e Carvalho (2022), que aderem com a necessidade de uma atuação governamental mais efetiva, ao tratarem da educação como investimento público. Os autores consideraram que financiar adequadamente a educação é uma forma de emancipar cidadãos, realizar direitos humanos inalienáveis e reduzir desigualdades. Mais que isso, a educação representa um ativo intangível, que favorece a qualidade de bens de capital imateriais, em razão de patentes, softwares, e banco de dados. Dessa forma, por sua contribuição para uma vida material e social mais inclusiva, eles consideram racional e tecnicamente sustentável o enquadramento do ensino como investimento. Contudo, é apontado que o orçamento brasileiro destinado para educação é mínimo, contrariando o reconhecimento do custeio à educação pública como garantia fundamental, ou seja, como cláusula pétrea. Tornando-se necessário uma melhor gestão e maior financiamento para a política pública de educação no Brasil.

5 Considerações finais

Diante das questões levantadas ao longo deste artigo, é plausível considerar a hipótese de que a humanidade possa estar ingressando em um período de declínio em sua inteligência. Tal possibilidade está relacionada à baixa qualidade da leitura praticada atualmente e, sobretudo, à diminuição da capacidade crítica da população, o que resulta em uma sociedade menos questionadora e mais suscetível à ignorância. Embora este artigo não apresente dados empíricos ou estudos conclusivos que comprovem essa tese, buscou-se promover reflexões que apontam para sua plausibilidade. Nesse sentido, ao menos, justifica-se a urgência de investigações mais aprofundadas sobre o tema.

Preliminarmente, com base nas reflexões apresentadas, os responsáveis por esse cenário estariam relacionados com um uso errôneo da internet e das novas tecnologias. Logo, tais ferramentas que tem potencial para elevar o intelecto da humanidade acabam tendo um efeito oposto. Principalmente, relacionado a dependência delas, que quando usada de forma demasiada acabam prejudicando o aperfeiçoamento da própria inteligência humana, especialmente nas novas gerações que se mostram mais vulneráveis.

Dessa forma, para reverter ou mesmo prevenir esse cenário, mostra-se necessário que as pessoas comecem a utilizar a internet e as novas tecnologias a favor de seu intelecto. Evitando um uso exagerado de conteúdos que não agregam nada a favor de sua inteligência, principalmente em relação às redes sociais, que podem ser nocivas quando utilizadas incorretamente. Cabendo aos professores e pais ensinarem as novas gerações a utilizarem a internet e novas tecnologias de forma adequada, para serem aplicadas em prol do desenvolvimento da humanidade.

Igualmente, cabe ao Estado realizar investimentos massivos para garantir a educação do seu povo, visto que a educação, além de um direito dos cidadãos é um dever para com toda a humanidade, já que sem ela o ser humano vai acabar deixando de progredir, podendo ainda adentrar em uma fase pessoas debiloides, com potencial para instaurar o caos na sociedade. Assim, ao governo como um todo, cabe a realização de investimentos nas escolas, construção de bibliotecas e profissionalização dos professores. Além disso, deve-se realizar ações que garantam à população condições dignas de vida, como uma jornada de trabalho digna, para que as pessoas tenham tempo para buscar o seu próprio aperfeiçoamento.

Referências

- ALMEIDA, G. J. N.; BRUNO, D. R. A implementação da internet em nosso cotidiano. **Revista Interface Tecnológica**, Taquaritinga, v. 20, n. 2, p. 15–26, 2023. DOI: 10.31510/infa.v20i2.1722. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/1722>. Acesso em: 07 abr. 2025
- BARROS, A. G.; SOUZA, C. H. M.; TEIXEIRA, R. Evolução das comunicações até a Internet das Coisas: a passagem para uma nova era da comunicação humana. **Cadernos de Educação Básica**, [s. l.], v. 5, n. 3, p. 260-280, 2021. DOI: <https://doi.org/10.33025/ceb.v5i3.3065>. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/fc9e/86ed78a37d3bf92717d7561ee6f1f964c801.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2025
- BASTOS, G. L. Descanso digno e saúde mental: análise dos impactos da escala 6x1 na saúde do profissional da enfermagem. 2015. 59 f. **Monografia** (Bacharelado em Direito) — Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2025. Disponível em: <https://repositorio.uema.br/handle/123456789/4352>. Acesso em: 07 abr. 2025

BORGES, H. M.; MAIA, R. S. The impact of smartphone use and social networks on attention, memory and anxiety of university students: an integrative review. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 15, p. e539111537422, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i15.37422. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/37422>. Acesso em: 07 abr. 2025

CAFÉ, A. E. O. D.; DRUMMOND, A. T. K. A comoção nas redes sociais sobre a representação de parlamentares acerca das discussões sobre o fim da escala de trabalho 6x1. em novembro de 2024, remediada pelo modelo eleitoral/legislativo proposto por David Van Reybrouck. **Derecho Y Cambio Social**, [s. l.], v. 22, n. 79, p. e100, 2025. DOI: <https://doi.org/10.54899/dcs.v22i79.100>. Disponível em: <https://derechoycambiosocial.org/index.php/revista/article/view/100>. Acesso em: 07 abr. 2025

COSTA, A. A.; BRUNO, D. R. IA – Inteligencia Artificial: impactos, riscos e beneficios que desafiam a sociedade moderna. **Revista Interface Tecnológica**, Taquaritinga, v. 21, n. 1, p. 76–87, 2025. DOI: 10.31510/infra.v21i1.1879. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/1879>. Acesso em: 07 abr. 2025

COSTA, M. C. C.; ROMANINI, V. A educomunicação na batalha contra as fakes news. **Comunicação & Educação**, [s. l.], v. 24, n. 2, p. 66-77, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7529622>. Acesso em: 07 abr. 2025

FERREIRA, E. P.; SANTOS, M. P. M. Educação e tecnologias: desafios no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 1943–1958, 2025. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v11i2.18178>. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/18178>. Acesso em: 07 abr. 2025

FLORES, M. D.; MELO, P. B. O. Mídias digitais: mapeamento dos riscos do uso excessivo para crianças e adolescentes e estratégias para familiares e educadores sobre o uso saudável ou moderado das tecnologias. **Sitientibus**, [S. l.], v. 1, n. 65, 2025. DOI: 10.13102/sitientibus.v1i65.11185. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibus/article/view/11185>. Acesso em: 7 jun. 2025.

INSTITUTO PRÓ LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil – 6ª edição: apresentação de resultados**. São Paulo: Instituto Pró Livro, 2024. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentação_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em: 07 abr. 2025

LIMA, L. R. A importância da leitura para a formação do indivíduo. **Observatório de la economía latinoamericana**, [S. l.], v. 22, n. 11, p. e7749, 2024. DOI: 10.55905/oelv22n11-116. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/7749>. Acesso em: 07 abr. 2025

MAIDEL, S.; VIEIRA, M. L. Mediação parental do uso da internet pelas crianças. **Psicologia em revista**, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 293-313, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9523.2015V21N2P292>. Disponível em:

<https://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/download/P.1678-9523.2015V21N2P292/9395>. Acesso em: 07 abr. 2025

MANNO, M. V. M.; ROSA, C. M. Dependência da internet: sinal de solidão e inadequação social? **Polêm!ca**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 119–132, 2018. DOI: 10.12957/polemica.2018.37793. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/polemica/article/view/37793>. Acesso em: 07 abr. 2025

MATOS, E. M. B.; MATOS, B. S.; ALVES, F. R. V. Analfabetismo funcional: reflexões sobre o desenvolvimento educacional no Brasil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 7, n. 6, p. 575–592, 2021. DOI: 10.51891/rease.v7i6.1412. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1412>. Acesso em: 7 jun. 2025.

MEIRA, T. S.; RIBEIRO, A. T. O analfabetismo científico como problema social no Brasil. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, [S. l.], v. 4, n. 11, p. 1-13, 2023.

MONTENEGRO DE MÉLO, E. M. S.; PINTO, L. P. Práticas de mediação de leitura em bibliotecas escolares. **Revista Fafire**, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 75-87, 2019. Disponível em: https://web.archive.org/web/20220301205331id_/https://publicacoes.fafire.br/diretorio/revistaFafire/revistaFafire_v12n02_a07.pdf. Acesso em: 07 abr. 2025

PINTO, E. G.; XIMENES, S. B.; CARVALHO, A. R. Education as public investment: Political necessity, economic debate, and institutional propositions. **Education Policy Analysis Archives**, [S. l.], v. 30, n. 47, 2022. DOI: 10.14507/epaa.30.6777. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/6777>. Acesso em: 07 abr. 2025

POMPEI, T.; GOUVEIA, L. M. B.; RAMOS, P. F. M. S. Redes sociais: influência, identidade e diferença na contemporaneidade. **Em Sociedade**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 93-111, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2595-7716.2021v3n2p93-111>. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/emsociedade/article/view/28188>. Acesso em: 07 abr. 2025

RÊGO, A. R. A ética nos usos de “inteligência” artificial: interações, mercado e sociedade. **Organicom**, São Paulo, v. 21, n. 44, p. 109–120, 2024. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2024.221333. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/221333>. Acesso em: 07 abr. 2025

RIPOLL, L.; MATOS, J. C. O contexto informacional contemporâneo: o crescimento da desinformação e suas manifestações no ambiente digital. **Informação@Profissões**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 87–107, 2020. DOI: 10.5433/2317-4390.2020v9n1p87. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/38212>. Acesso em: 07 abr. 2025

ROCHA, A. R.; CARVALHO, A. P.; MENEZES, M. M. **Educação pública: a resistência da comunidade acadêmica no atual cenário político brasileiro**. XXI Colóquio Internacional de Gestão Universitária Desafios da Gestão da Educação Superior na América Latina e Caribe pós-pandemia: Inovação, Integração e Interculturalidade. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/243934/1220158%20%23.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 abr. 2025

SALVADOR, E. Financiamento da educação no contexto de ajuste fiscal no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 45, p. e286672, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES.286672>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/7HPK8T3TQT6XSPGxhyFy44B/?lang=pt>. Acesso em: 07 abr. 2025

SAMPAIO, R. C.; SABBATINI, M.; LIMONGI, R. **Diretrizes para o uso ético e responsável da inteligência artificial generativa: um guia prático para pesquisadores**. São Paulo: Intercom, 2024. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/boletins/index.php/ppec/article/view/9509/4948>. Acesso em: 07 abr. 2025

SANTOS, S. M. A. V. *et al.* Desafios e oportunidades: a adoção de tecnologias na educação e os obstáculos enfrentados pelos professores na era digital. **Caderno Pedagógico**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. e3327, 2024. DOI: 10.54033/cadpedv21n3-154. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/3327>. Acesso em: 07 abr. 2025

SCHUHMACHER, V. R. N.; ALVES FILHO, J. P.; SCHUHMACHER, E. As barreiras da prática docente no uso das tecnologias de informação e comunicação. **Ciência & Educação**, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 563-576, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1516-731320170030002>. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ciedu/v23n3/1516-7313-ciedu-23-03-0563.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2025

SEREZA, H. C. O livro como mercadoria e o imposto do livro. **Revista Parlamento e Sociedade**, [S. l.], v. 8, n. 14, p. 71–81, 2020. Disponível em: <https://parlamentoesociedade.emnuvens.com.br/revista/article/view/156>. Acesso em: 07 abr. 2025

VIEIRA, G.; DIAN, M. O. Impacto e crescimento da internet nos últimos anos. **Revista Interface Tecnológica**, Taquaritinga, v. 20, n. 1, p. 122–133, 2023. DOI: 10.31510/inf.v20i1.1656. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/1656>. Acesso em: 07 abr. 2025

WOLF, M. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

Data de submissão: 07 de abril de 2025

Data de aceite: 27 de maio de 2025